

O HERALDO

Editor,
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ANTIGO «JORNAL DE ANNUNCIOS»

Composição e impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

CARTA DE LISBOA

Fervet opus... Nem as festas dos ultimos dias, com todos os feriados e todas as diversões, tiveram o condão de abrir um interregno de paz e concordia, para não dizermos de bom senso, na eterna e inexgotavel questão dos tabacos.

Em quanto o povo aclamava nas ruas de Lisboa a rainha Alexandra, pagando assim uma divida de justiça; em quanto todos percorriam a cidade, admirando durante o dia as ornamentações e enfeites, ou durante a noite as iluminações, o palacio da Rua dos Navegantes continuava a ser o secreto e misterioso templo onde varios conciliabulos se realizavam, entrando e sahindo banqueiros, como se aquela treinada casa fosse um formigueiro... de formigas financeiras.

E falamos em formigas, como que para mostrar que todos devem estar alerta, a fim de que o paiz, n'este verão bancario, não vá ser a cigarra imprevidente da fabula.

A questão é das mais graves e importantes para o Estado, pois traz em jogo muitos milhares de contos, que os cofres publicos de vem receber, intactos, sem que sommas extraordinarias continuem a correr para as algibeiras de felizes concessionarios. E' grave e importante, mas tambem de uma facilidade de resolução que não requer tão arduos trabalhos nem tão complicadas considerações.

Pôde até dizer se, de passagem, que o sr. José Luciano, com as suas ponderações interminaveis e as suas eternas conferencias com banqueiros d'este mundo e do outro, é que tem complicado o assunto. E de tal forma o fez, tanta habilidade mostrou nesse enredo (que, em todo o caso, pôde ser filho de uma boa vontade de acertar, mal orientada...), que se encontra actualmente em um beco sem sahida.

E assim estamos, alguns meses depois de iniciada esta questão, sem que coisa alguma de positivo se saiba e como se o paiz não tivesse o direito de exigir que o caso, que deve ser puramente interno e isento de intervenções irritantes estrangeiras, fosse tratado a toda a luz. Aprender até morrer.

Pois agora apesar de tantas festas e visitas régias, volta a falar-se n'essas intervenções, que partiriam do sr. Delcassé, ministro da França, uma nação, que se diz amiga nossa tambem.

Uma coisa, porém, nos anima: é que ha sentinelas vigilantes, e que uma campanha insistente continua, apreciando e criticando im placavelmente os mais pequenos incidentes da questão. Dizem os defensores do governo que essa campanha representa apenas o odio da Companhia dos Phosphoros contra a dos Tabacos. Pouco importa isso, porque não costumamos olhar a interesses de uma ou de outra. O facto indiscutivel é que esse barulho em volta do assunto tem produzido vantagens e resultados consideraveis. Não é demais que, entre tão poderosas entidades, caiba ao paiz, uma vez ao menos, o papel de *tertius gaudet*.

Uma pequena reviravolta se deve apontar, a titulo de curiosidade, para que os leitores passem tambem aos bastidores da tragedia: o actual ministro da fazenda, que passava por contrariar abertamente as sympathias do sr. José Luciano e que era poupadão pela imprensa oposicionista, parece ter cahido agora d'essas graças. Um ou outro

jornal, mais conhecedor de todas as manobras, o vae já espicaçando com ataques nada evangelicos, de onde se conclue que a questão tende a tomar outro aspecto.

Para melhor? Para peor? Ninguem o sabe dizer. Esperemos e confiemos, como bons e solícitos espectadores,

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

As festividades da Semana Sancta na Misericordia de Tavira

No anno proximo passado não se realizaram as matinas de Sexta Feira Maior, na egreja da Misericordia de Tavira, como sempre foi custume, por completa impossibilidade de cumprir a provisão do Rv.^{mo} Prelado da diocese do Algarve que mandou, que as festividades religiosas da Semana Santa desde o credo da missa de Quinta Feira Maior, até ao apparecimento da Alleluia, e tambem todos os officios funebres, fossem executados só por vozes, sem auxilio d'instrumentos, nem mesmo o orgão.

Presistindo este anno a mesma impossibilidade, e empenhando-se a meza da Misericordia em não deixar de realizar as matinas de Sexta Feira Maior, seguidas da procissão d'Enterro, que sempre se têm feito na respectiva egreja com todo o luzimento, pompa e grande concorrência de fieis, dirigiu-se, por meio d'uma commissão ao reverendissimo Prelado, que a recebeu com toda a urbanidade e captivante affabilidade, e concor dando em que a maioria, senão todas as parochias e estabelecimentos pios luctam com insuperaveis dificuldades para poderem cumprir a provisão, prometeu enviar a Sua Eminencia o Rv.^{mo} Nuncio de Sua Santidade; certamente pela dificuldade de se levarem a effeito essas festividades sem o auxilio d'instrumentos, com cujo acompanhamento se possam organizar os coros, suprindo a falta de vozes; apezar de ser Lisboa um grande centro, em que essas dificuldades não podem ser comparadas áquelas com que luctamos aqui.

E' por isso que expõo as circumstancias em que se acha a meza da Misericordia venho muito respeitosamente pedir a V. Ex.^a, a exemplo do que se practica n'outras dioceses, se digna tolerar que as matinas de *Sexta Feira Maior* sejam feitas com o acompanhamento do orgão, enquanto não poderem ser feitas d'outra forma; porque na impossibilidade de poder cumprir, desde já, condignamente e em harmonia com a solemnidade que o acto requer, a provisão de V. Ex.^a, a meza da Misericordia, apezar da perda d'uma parte do seu rendimento, com profunda e immensa magua, vê-se na necessidade de fechar as portas do seu templo, justamente no dia em que, nos annos anteriores esse templo era pequeno para conter a grande afluencia de fieis, que, assistindo aos officios divinos se iam prostrar reverentes perante o ataude do Christo redemptor que para remir a humanidade quiz padecer e morrer.

Tendo a provisão de V. Ex.^a preceituado que as festividades da Semana Santa desde o *Credo da Missa de Quinta Feira Maior* ate ao apparecimento da Alleluia, devem ser executadas só por musica vocal, sem o acompanhamento de instrumento algum, nem mesmo a orgão; e não havendo, n'esta localidade, nem clero, visto que apenas se pode contar com tres reverendos sacerdotes, nem pessoal suficientemente habilitado para desempenhar essa especie de musica, vê-se a meza da Misericordia na impossibilidade de poder levar a

efeito essas festividades segundo as prescripções de V. Ex.^a

Mas, um benemerito irmão, que por muitos annos foi provedor d'aquelle Santa Casa, legou lhe um rendimento, com a obrigatoriedade de se fazerem na Egreja da Misericordia as matinas de Sexta Feira Maior e a procissão d'Enterro, revertendo esse rendimento para uma familia d'esta cidade, parece-me que hoje representada pelo sr. Sebastião Estacio Tello, logo que algum anno se deixe de levar a effeito a vontade do legatario. Essa vontade tem sido sempre cumprida de tal forma que a festividade religiosa da Sexta Feira Maior tem sido aquella que em Tavira se tem feito com maior pompa, sumptuosidade e concorrência, sendo em muitos annos as festividades da Semana Santa na Misericordia, as unicas que se tem feito em Tavira, pela impossibilidade em que as parochias muitas vezes se tem achado de as poder fazer. Fica, portanto, a Mesa da Misericordia na triste perspectiva de perder o referido legado por não poder cumprir a provisão de V. Ex.^a

E' verdade, que é uma lei eclesiastica a prohibição do emprego de instrumentos nas festividades da Semana Santa; mas é verdade tambem que esse emprego tem sido sempre tolerado pelas auctoridades eclesiasticas superiores, e ainda hoje o é em muitas dioceses; e nomeadamente em Lisboa, capital do reino, sede do Patriarchado e da residencia de Sua Eminencia o Ex.^{mo} Nuncio de Sua Santidade; certamente pela dificuldade de se levarem a effeito essas festividades sem o auxilio d'instrumentos, com cujo acompanhamento se possam organizar os coros, suprindo a falta de vozes; apezar de ser Lisboa um grande centro, em que essas dificuldades não podem ser comparadas áquelas com que luctamos aqui.

E' por isso que expõo as circumstancias em que se acha a meza da Misericordia venho muito respeitosamente pedir a V. Ex.^a, a exemplo do que se practica n'outras dioceses; mas ao menos com o acompanhamento do orgão, como em 2^o do corrente foram feitos os officios funebres pelo Embaixador d'Inglaterra, dirigidos pelo 2^o mestre de ceremonias da Sé Patriarchal, e a que assistiu Sua Eminencia o Reverendissimo Nuncio de Sua Santidade; e como agora foi autorizado, para as festividades da Semana Sancta em Cintra, por Sua Eminencia o Reverendissimo Cardeal Patriarcha; — segundo publica o *Seculo de 16* do corrente.

A meza da Misericordia, resolvendo fechar as portas do respectivo templo.

Não é já o clero que incita os fieis à execução das praticas reli-

giosas! são os fieis, é o povo que

pede lhe sejam removidas as difi-

culdades que lhe interposeram á

realização das praticas religiosas

da sua maior devoção; e é o clero

que se nega a remover essas difi-

culdades!!

As portas do templo da Misericordia fecham-se; mas d'esse acto

nenhuma responsabilidade cabe á

respectiva meza: porque ella em-

pregar todos os esforços ao seu

alcance para que tal não sucedesse;

e só depois de esgotados todos

os meios de que podia dispôr é

que tomou tal resolução.

Copia

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Incumbe-me S.

Ex.^a R.^o o senhor Arcebispo, em

Largo da Graça, 82—1.^o — Lisboa

Contra toda a expectativa o Re-

verendissimo Prelado, passados

dias mandou responder o seguinte:

Copia

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Incumbe-me S.

Ex.^a R.^o o senhor Arcebispo, em

Largo da Graça, 82—1.^o — Lisboa

Composição e impressão,

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

A excursão a Portimão

Partida de Tavira—O comboio—
Incidentes na viagem—Chegada
a Portimão—Almoço—A Praia
da Rocha—Os chalets—Furnas
—O celebre «Buraco da Cova»
—A outra praia—Casino—Ho-
tel—A Fortaleza—A Empreza
das Aguas—As filarmónicas
—Commentários

Quando no dia 27 pelas 4 e meia da manhã o sol apareceu festivo no céo azul da nossa cidade, pôsou decreto da extraña balbúrdia, da barulhenta confusão que notou na pacata Tavira.

E' que n'esse dia, os tavirenses mesmo os mais dorminhocos haviam madrugado muito, alguns á viva força, obrigados pela *chiada* das philarmonicas que em alvorada percorriam as ruas da cidade.

Realisava se n'esse dia a excursão de Tavira á formosa Villa Nova de Portimão.

E esta era a causa de semelhante anomalia:

A's cinco da manhã os excursionistas em caminho da estação, apressados, inquietos, porque já a machine apitara uma vez, iam em conversa animada explicando se as intensões que levavam, a abundancia ou exiguidade do *peculio*, etc. De repente ali na rua do Mao Forno... hu! hu! oh c'os demonios ah! vae tudo a fugir; lá caiu uma cesta... aquillo é gallinha pelo cheiro; eu vou a suir em bica.

Que, faltando os elementos precisos e indispensaveis, não podiam essas matinas ser levadas a effeito condignamente;

Que, não podendo ser auctorizado, não já o emprego d'instrumento com que no anno passado se realizaram as festividades da Semana Sancta na maioria das egrejas de Lisboa, Porto e da maior parte das dioceses do reino, bem como os officios funebres pelas victimas do rezvez do sul d'Angola, a que assistiu Sua Eminencia o Sr. Cardeal Patriarcha e varios Reverendissimos Prelados de diferentes dioceses; mas ao menos com o acompanhamento do orgão, como em 2^o do corrente foram feitos os officios funebres pelo Embaixador d'Inglaterra, dirigidos pelo 2^o mestre de ceremonias da Sé Patriarchal, e a que assistiu Sua Eminencia o Reverendissimo Nuncio de Sua Santidade; e como agora foi autorizado, para as festividades da Semana Sancta em Cintra, por Sua Eminencia o Reverendissimo Cardeal Patriarcha; — segundo publica o *Seculo de 16* do corrente.

Hu! Hu! torna a fazer a locomotiva! Nada! nada! não me importa o bilhete; sempre há de haver tempo de trocar as senhas pelos bilhetes respectivos. Mis e a minha? e a minha carrragem? onde está a 2.^a classe? Ah! lá ao fim, já vejo; bem, vou trocar a senha e volto já.

Hu! Hu! torna a fazer a locomotiva! Nada! nada! não me importa o bilhete; sempre há de haver tempo de troca-lo. Lá anda elle! Bem. Já cá estou encaixado n'uma de terceira e parece-me que sou dos mais felizes. Ao meu lado vai um grupo caracteristico: levam os farneis em cestas de verga e uma grande enfusa de... barro.

Cá ao pé o Zé Francisco, o No-gueira, o Antonio Celorico e o Correia, rapazes de Castromarim; ali ao lado uma colonia comercial e o Antonio Carocho e a sua troupe, mais alem a deputação que enviou a freguezia de Gacella; na carruagem seguinte os «Limpinhos» rompem com o «Patria»; alem atraç a «Nova» de Villa Real; ao todo onze carruagens á cunha.

Já vamos em viagem; ah! vem o revisor:

— Os seus bilhetes, meus se-

nhores?

— Eu não tenho, faz favor de me vender um p'ra Luz?

— P'ra Luz? E' o mesmo que se fosse a Portimão; custa-lhe oito tostões!

— Que me diz?

Era o homensinho que não reparando que o comboio era extraordinario julgara poder transportar-se á Luz pelos tres vintens do costume! Era do campo; não chorou por vergonha! oito tostões! E' forte! Coitado; achamos-lhe razão!

Fuzeta, Olhão, Faro, nada de importância, Loulé e Boliqueime; cá vamos em conversa; toda a carruagem, todo o comboio está a almoçar.

Tunis! Aqui a paragem é maiorsinha. Tenho tempo de passar para 2.^a classe. Desembarca-se, ri-se, passeia-se na linha e olha-se p'ra dentro das carruagens... a ver o pequename.

Silves! outra paragem. Entra muitíssima gente á borla. Outros são sacrificados, mas parece en-guiço! é na nossa carruagem que se dá o caso.

—O seu bilhete?

—Não tenho, vou p'ra Silves.

—Tem que tirar bilhete de Tavira a Portimão. São oito tóstões e por favor, que foi apanharem... segunda classe. Abrir a bolsa, pagar e... está o caso sanado.

Tem que passar p'ra terceira mas... cá vão.

Finalmente Portimão!

Na gare completamente cheia rompe a philarmonica da terra, de rapazes amadores que vieram tocar por... cinco mil réis!

Estalejam umas girandolas de fogueiras e grande balburdia.

Oha quem cá está em Portimão: é o Antonio Fonseca e o João Carvalho!

Isto é que são rapazes. Por cá en lam a viagar em Barlavento. Não ha nada como ter massas!

A massa é a moda real!

Apenas temos tempo de trocar com eles algumas palavras na gare.

—Então que tal de viagem?

Impressões? Teem visto muita cousa bonita?

—Ora! Tudo! Em Silves, em Lagos, em Monchique, oh! Monchique que bonito! Alvor, Odiaxe re, eu sei cá! Temos corrido tudo. Em Ferragudo...

—Nada, nada, dizemos nós, olha que os carros já vão todos embora p'ra villa!

—Temos aqui um ás ordens que nos trouxe da villa. Vamos.

Toca a agarra nas bolsas. O varino p'ra noite, a bengala; está tudo.

Mais musica, agora a «Nova» de Villa Real toca um ordinario com bocadinhos da «Marselheza», do «Gode save the Queen», etc.

E só embarcar no carrinho de molas (não ha de outra qualidade em Portimão) e marchar para a villa. As philarmonicas vão fazer os cumprimentos da praxe, ao administrador, ao presidente da camara, aos paços do concelho, etc., etc.

E nós para o Hotel... para o celebre Hotel *Viola*. Entramos. E' um rancho! O Fonseca, o Carvalho, o Nogueira, o Correia, o Zé Francisco e eu.

So a demora de limpar o fato, lavar as mãos, e mesa.

O Hotel *Viola* é um dos edifícios mais importantes de Portimão; as janellas abrem para a praça Visconde Bivar onde está o coreto e vae fazer-se o jardim da villa.

O serviço do Hotel sem ser de primeira ordem, é excellente e agradou-nos. A mesa, cujos logares estão completamente preenchidos, começa-se a pensar na maneira de passar o dia.

—A Praia da Rocha?

—Pois claro, d'aqui vamos á praia da Rocha!

Effectivamente, acabado o almoço, ahí vamos nós a bordo de dois carrinhos pelas ruas da villa até á Alfândega onde paramos para receber o nosso amigo Antonio Celerico e seu cunhado o sr. tenente da guarda fiscal Antonio Moreira de Sousa, cavalheiro extremamente amavel e sympathetic que nos dispensou a honra da sua companhia durante todo o dia o que nos fez alvo de numerosas atenções durante a nossa permanencia n'aquella villa.

Chegados á Rocha fomos examinando ao par os admiraveis panoramas do campo e do mar, visitar o chalet que o nosso amavel ciceroni possue n'aquella encantadora praia e que está a acabar de construir.

O sol, n'essa occasião, bastante quente, um verdadeiro sol de março, deslumbrava, dando á praia sob os nossos pés, um aspecto encantador e quasi maravilhoso.

Scintillando radiante nas escarpas cavadas talvez a capricho pelo mar o astro-rei parecia querer dar-nos como um presente grandioso um dia esplendido, alegre, um dia soberbo.

Descemos. Vamos agora vér a canalisação para o que temos de andar de gatas no interior dos cumpridos tunneis.

Cá em cima outra vez, o ho-

mostrava abysmo e que o é mas na verdade encantador.

Agora já treparamos por esses penhascos isolados com a alegria de creanças deslumbradas por um espectaculo imponente.

Na nossa frente está o celebre «Buraco da Avó» de que já tinhamos ouvido falar na villa. E' a comunicação para a outra praia. E' preciso agacharmo-nos. Prompto. Temos na nossa frente a outra praia que é uma continuación ininterrupta de bellezas.

Alli, a distancia, está uma rocha alta e direita de cima da qual olha a praia um busto perfeito de homem. Anda se alguns passos e a illusão desaparece: é uma pedra que ficou casualmente com seme lhanças de cabeça e homens.

Entramos n'um tunnel bastante comprido aberto em rocha, onde é preciso passar-se curvado.

No interior a agua cae em gotas sobre o nosso chapeu.

Se isto cahisse agora? Lembra um!

Estremece-se. Sobresaltam-se-me os nervos, dou um pulo de medo e vou bater a cabeça n'um pedaço de rocha em que não havia reparado.

Ninguem vio. Depois já cá fora do buraco rio me do susto. Qual cahir aquillo está forte como uma rocha que é.

Ainda ha mais buraquinhos por onde nos andámos mettendo; n'um d'elles, commodamente sentados em bancos naturaes estão almoçando alguns rapazes.

Subimos agora uma ladeira que nos truce de novo ci cima e temos ao pé uma estradinha compresa mas tão estreita que mal caberão n'ella os pés juntos. Pega com uma rocha altissima onde os moços maritimos vão pescar atravessando com uma audacia e desembaraço inconcebiveis a perigosa passagem.

Resvalando a alguem um pé na corrida despenhar-se-hia inevitavelmente.

Pelo nosso lado, ao examinarmos o abysmo que de ambos os lados se nos deparava, desistimos da empreza e fomos, continuando o nosso passeio, visitar o soberbo edificio em construcção que deverá servir de Casino, Theatro e Salão para bailes durante a epocha balnear, a succursal do Hotel *Viola*, edificio que está soffrendo uma modificación afim de poder na proxima epocha oferecer aos banhistas maior commodidade.

Mais adeante estão lançando os alicerces para o *Café Concerto*! E esta?

Só nos falta visitar a fortaleza.

E' o que vamos fazer e já vemos ao largo o muro alto e escuro; avistam-se os fossos onde actualmente se dão muito bem as cebolas e a alfaca; entramos.

Estão lá dentro já muitas pessoas de Tavira que tencionam jantar aqui a convite do commandante da praça sr. João Antonio Bernardo.

Depara-se-nos um canhão de pe-

quenas dimensões conservado talvez como reliquia por ter feito ouvir a sua voz em tempos idos, aos contrabandistas.

Nas ameias disfruta-se uma vista catita e que nos traz pena de não termos levado o kodac.

Ter-se-hiam tirado algumas vistas magnificas remedando o inconveniente de não haver na villa bilhetes postaes illustrados o que é um descuido extranhave.

Está vista a fortaleza e são horas de voltar a Portimão. Vamos ao edificio da Companhia de Águas tecimento de Aguas. E' da empreza Sarrea Prado & C.^a e foi feito em 1902. O homem encarregado cumprimenta nos e põe-se á nossa disposição.

Abriu se a porta e admiramos o spectaculo... duas largas escadarias conduzem aos reservatorios immensos, cheios de uma agua tão limpida que chega a enganar um dos nossos companheiros que quasi põe o pé no primeiro degrau o que lhe custaria uma molhadela.

Desemos. Vamos agora vér a canalisação para o que temos de andar de gatas no interior dos cumpridos tunneis.

Cá em cima outra vez, o ho-

memsimo dá-nos a beber um copo de agua purissima que bebemos sofregamente. E bella a agua.

Com tudo muito poucas pessoas se utilizam na villa d'esta agua! A Companhia pede dinheiros imensos pela montagem e canalisação, d'onde quer auferir lucros consideraveis o que lhe dá um resultado negativo.

Consumme em ordenados a empregados superiores e perfeita mente inuteis quantias consideraveis, com manifesto prejuizo dos accionistas que em vão esperam um dividendo mesmo modico. E' afinal uma companhia portuguesa e bas-ta!

Uma administração pessima!

Sahimos, está visto o que ha de interessante em Portimão e depois de um passeio pela villa o estomago aconselha nos a volta a hotel. E' noite. Já está a sopa na mesa.

Começou a illumiar-se o coreto quo fica na praça em frente das janellas do hotel; são 7 horas quando sobe a «Nova» de Villa Real, uma hora mais tarde do que estava combinado; isto dá logo a uma justa reclamação da philarmonica de Tavira que pretende tocar das 8 em deante.

Intervem no caso um dos vereadores da camara municipal que in tima a «Nova» a descer a hora combinada: ás 8.

Sobem os «Limpinhos».

Do reportorio d'elles sae agora —«Os madgyares»; do nosso as ervillas com ovos, e as fatias de lombo.

A praça está apinhada e passa-se com bastante dificuldade.

Dentro em pouco estamos tam bém n'um dos passeios.

Aqui parece ser o *rendez vous* da elegancia; é n'esta rua que ve mos passeando grupos de formosas meninas portimonenses.

Mas é tarde; a philarmonica toca já o ordinario, é tempo de nos pormos em ablutivo.

Fazemos as nossas despedidas; alto ahí: Faltame no hotel um lenço de seda e uma bolsa bordada. Mau!

Isto é que não tem absolutamente graça nenhuma.

Embarca-se na carriola e em breve estamos na Estação.

Onde está a carruagem de 2.^a? Aqui, bom, 4 passageiros apenas em 2.^a; Bello! Entramos, Ficam agora io, já não é mau.

Apita, mexe-se. Ai que bom, um abrigo inteiro á nossa disposição!

Toca a deitar.

Quem entrasse agora na carrra gem ouviria uma mosca. Até o comboyo não chia de propósito para nos deixar dormir.

E dormimos.

Tavira! A não ser as philarmonicas ficariam no comboyo Cá vamos ouvindo os ordinarios. Olá a porta de casa! Ainda está no seu logar felizmente! Mette-se a chave.. abre-se.

Meus senhoras... com licença!

A philarmonica Meyerbeer, de Villa Real de Santo Antonio, que na sua passagem para Portimão, teve a amabilidade de cumprimentar a nossa redacção, agradecemos.

THEATRO TAVIRENSE

No domingo deve visitar-nos, dando um spectaculo no nosso theatro a excellente *Tuna Farense* sob a direcção do sr. dr. A. de Moraes. O programma para esta recita, que n'outro logar publicamos, é magnifico e inclue uma parte dramatica de que fazem parte uma comedia em 1 acto, *Um Noivo de Encommenda*, e algumas cançonetas em uma das quaes tornaremos a ouvir o nosso querido amigo e distinctissimo amador Damião Pantoja Junior.

Consta-nos que se acha já aber-ta a assignatura para os camarotes.

Sejam bem vindos os rapazes que veni proporcionar-nos uma noite de festa ruidosa e alegre.

Governante. Precisa-se d'uma

com pratica de todos os serviços domésticos, e que tenha tido bom comportamento. Dirija-se ao Largo da Porta do Postigo, 12.—Tavira. (229)

De Faro

Sabbado ultimo vimos n'esta cidade onde vieram passar algumas horas os srs.: João Coelho Pereira de Mattos, Manuel Evaristo Pen-teado, Jose Lopes do Rosario, Alexandre de Figueiredo e Mello, Constantino Cumano, dr. Alexandre Pereira de Mattos, Francisco Goncalves Rolão e Manuel José da Fonseca, de Faro.

Sr. director do «Heraldo»:

Por motivos que pessoalmente lhe explicarei, e que não exponho aqui, porque o publico nada lucra conhecendo-os, venho declarar a V. que d'ora ávante deixo de fazer parte da redacção do *Heraldo*, á qual, se não prestei grandes serviços, tenho tido ligado o meu nome, que muito preso, por isso mesmo que é meu.

Pela publicação d'esta carta no proximo n.^o do *Heraldo*, se confessa muito grato o

De V.

Tavira, 17.3.905.

José Castanho.

TUNA FARENSE

Recita no *Theatro Tavirense*

Domingo, 2 d'abril de 1905

PROGRAMMA

1.^a PARTE

1. ^a Por las morenas! (pasa calle).	A. de Moraes
2. ^a Mazurka 48 (fa maior).	Chopin
3. ^a Fados (rapsodia).	W. Pinto
4. ^a Pavana.	Lucena

PELA TUNA

2.^a PARTE

1. ^a Canconeta, por.....	Damião Pantoja
2. ^a Um Noivo de Encommenda, comedia em 1 acto, de Frederico Napoleão de Victoria	

DISTRIBUIÇÃO

Tiburcio Valente	F. de Barros
Polycarpo	Damião Pantoja
Chrispim	P. Seraphim
Sabino	J. Graça
Paschoal	S. Franco
D. Petronilha	João Archanjo
Amelia	A. Netto

O REQUIEM DE MOZART

(A João Violeta)

Lembrei-me agora de uma das mais extraordinárias aventuras que me tem sucedido.

Suggeriu-me esta horripilante recordação um retrato de minha defunta prima que acabo de encontrar perdido entre os meus papeis.

Esta photographia, precisamente a ultima que ella tirou é igual à que está encerrada no jazigo da nossa família, cercada de perpetuas amarellas e de saudades roxas numa grande corôa, preito sincero duma eterna recordação...

Ficou muito bom este retrato.

Por elle se vê que minha prima era uma formosa senhora.

Ainda me parece estar a vê-la.

Alta, formas airoosas, feições regularíssimas, a sua cutis setinosa tinha uma cõr de perola levemente nacarada que a tornava sedutora.

O cabello era negro... muito negro, negros eram também os olhos e tinham ás vezes fulgurações tão lindas e brilhantes que—extraordinaria coisa!—até me parecia estar vendo o reluzir constante duma catadupa de pedras preciosas...

A bocca era breve como um sonho feliz ou um lampejo de ventura e tinha uns sorrisos como jamais tornei a ver...

Era encantadora a minha prima Entantadora e intelligentíssima.

As artes e as letras eram o seu entretenimento, o seu passatempo favorito.

Quando não lia Byron ou Lamartine, bordava a matiz com a perfeição rara da *Acucena do Sonho* de Zola ou aguarellava distintamente.

Mas a sua grande paixão era a musica. Para ella os grandes mestres desta divina arte eram verdadeiros semi-deuses!

Adorava Beethoven, Mozart, Rossini, Mendelsohn, Chopin e Meyerbeer e era sempre com um entusiasmo quasi religioso que se sentava ao piano, um precioso móvel com incrustações de prata e madreperola, e com os dedos afilados e ageis dedos rozeos como os da Aurora e finos como os das estatuas medievais percorria o teclado sonoro donde a sua inexcedível execução fazia jorrar melodias deliciosas, arrebatadoras e harmónicas que irresistivelmente... vagarosamente nos arrastavam o espírito para as fantásticas regiões do Sonho...

Sob a impressão vivissima que causava o ouvir a interpretar as *Symphonias* de Beethoven, como que nos prepassavam pelo espírito numa ondulante vertigem de allucinação, os dolorosos mythos de Orpheu e de Amphião, o inventor da cythara, e, se fazia gemer o piano, traduzindo algum *Nocturno* de Chopin, era com tal arte que tinha o condão maravilhoso de evocar em nós todo o passado biblió... e como que sentímos germer longuamente a harpa de David acalmando os accessos de loucura de Saul...

Na *Ave verum* de Mozart, o seu

maestro predilecto e nos *Psalmos* de Marcello, era impeccável.

Dir-se-hia que as suas lindissimas mãos nos conduziam ao som de suavíssimas melodias, ao interior dum templo onde fossemos assistir aos canticos extranhamente litúrgicos da Edade Media, entre nuvens de incenso e transparências de vitraes...

Dada a minha predilecção pelos assumptos fúnebres, por me parecer que tanto a Morte como a Vida são inexauríveis fontes de inspiração, tendo aquella sobre esta a vantagem de estar menos estudada em todas as suas manifestações, pois que, desde os Egípcios, esse povo das sybillas e das Esphinges quasi ninguém mais a explorou, sempre que visitava minha tia, tinha o cuidado de pedir-lhe que me servisse de empenho junto da filha e minha encantadora prima, a quem invariavelmente eu supplicava que tocassem, no seu magnífico piano o *Requiem* de Mozart, a obra prima desse genio de musica.

Ella acedia sempre. Parece-me ainda estar a vê-la... primeiro um pouco friamente, depois com mais ardor e por fim animada por um extraordinario entusiasmo, fazia vibrar o teclado, traduzindo aquela primorosa pagina do grande compositor alemão.

Por singular coincidencia, foi precisamente o *Requiem* de Mozart o ultimo trecho que lhe ouvi tocar. Para a minha gentil prima como para o glorioso auctor do D. João aquella musica foi o canto do cys-

*

Minha prima adorava os bailes... A' saída dum festival em casa da Viscondeza de ***, numa frigidíssima noite de inverno, apesar da opulenta pelica que a envolvia e do resguardo da carroagem, a Morte, sob a forma duma pneumonia dupla victimou-a em poucos dias com profundíssimo desgosto de toda a família, especializando a mãe, a minha boa tia que ficou como louca pela perda da filha, unico esteio da sua triste viuez.

O meu desgosto foi também imenso... infinito... eramos como irmãos... passáramos junta a nossa infancia...

Que tristeza! Não mais tornar a ver as extraordinárias liquefescencias dos seus divinos olhos nem as deslumbrantes alvoradas dos seus sorrisos...

Não mais tornar a ouvir tão artisticamente interpretado, tão lindamente traduzido o famoso *Requiem* de Mozart que tanto me deliciava!

*

Inconsolável na sua dor, minha tia retirou-se para o seu solar, na província e o seu palacete, outrora tão alegre, em vida da minha formosa prima, punha agora uma noita de impressionante tristeza naquela rua larga, como se os crepes que lhe cobriam o brazão espartilhado, tudo envolvessem no peso do seu luto...

*

Passaram tempos... largos tempos... Mais resignada com a gran-

de magua da perda da filha, minha tia, a quem a dor prateara o cabello andante e farto, deliberou voltar á capital.

Foi como era meu dever esperar-a.

A bôa senhora quando me viu teve um sorriso entrecortado de soluços...

Acompanhei-a ao palacete.

Uma dolorosa impressão nos assaltou quando, apoi tanto tempo tornámos a ouvir ranger a porta do jardim que quasi se fechára atraç do cadáver da minha querida prima.

Todos os olhos se orvalharam e uma tristeza immedsa nos envolveu quando atravessamos aquele rincão ortróra tão florido e agora dum tão desolador aspecto...

cheios da lepra do musgo as ruas... ornados os canteiros noutro tempo tão vícosos, de secos arbustos que lembravam esqueletos mirrados bradando aos céos...

Lá estavam torcidas e negras como uma serpente calcinada, as hastes da rozeira que ella tanto amara... e ali, junto do lago, lá estava o pequenino talhão onde outrora as suas mãos de patricia tanto e tão cautelosamente tinham cuidados duns amores perfeitos cujos ultimos atomos o vento dispersará havia muito.

O nosso pezar continuou quando subimos, aberta a porta principal, pausadamente a escadaria ampla onde uma densa camada de pó apagava o brilho intenso do colorido, da tapeçaria e punha toros prateados nas largas folhas das plantas artificiais, que, em enormes jarrões da India a ladeavam.

Nas diversas salas que íamos atravessando, encontrávamos aquela atmosphera gelida e pezada que parece concentrar-se nos aposentos longos annos fechados e que deve reinar imperturbavel na crypta dos jazigos.

Minha tia teve um delírio de lagrimas ao ver sobre um tamborete um volume do *Paraizo Perdido*, cnja leitura a infeliz menina não concluiu e quasi ia desmaiando de dor quando vimos o bastidor, onde camadas de pó haviam como que esbatido o primoroso bordado que as mãos de Fada da minha encantadora prima ali haviam executado.

Eu por mim também muito me enternecia... parecia-me contudo que o que maior impressão havia de causar-me seria a vista do piano, no magnífico salão de ornatos de ouro sobre um fundo azul pallido. Sim! Junto daquelle precioso móvel cujas incrustações de madreperola e prata eu tantas veses contemplára, ouvindo deliciado as vibrações que do teclado os dedos finos da desfunta sabiam arrancar, seria profundíssima a minha comocão.

E saudoso, muito saudoso... lembrei-me do *Requiem* de Mozart!

O ultimo trecho que lhe ouvira!

Havíamos chegado ao salão de baile; minha tia abriu a porta e um dos criados soergueu o pesado reposteiro onde, num dobrado baço, um heráldico brasão reluzia pallidamente...

minha profissão de fé aos eleitores. Feito isto, viajo, e voltarei para assistir às eleições e casar-me em segundas nupcias.

«Adeus, meu caro Dumont; lastima o teu infeliz amigo

ADOLPHO DE NOIRVILLE.

CAPITULO X

Conclusão

M. de Noirville tornou-se a casar riússimamente.

É deputado, tem lugar no centro, é feliz e engorda.

Rise ás vezes das superstíciones e dos prejuízos da sua pobre desfunta, quando falla sobre isto com a sua segunda mulher, que, afirma elle, é pelo menos uma grande *frescatinha*, que vive á regalada, e que seguramente não morrerá de melancolia!

«Responser-me-hás que é este um sistema político que corresponde ás urgências do paiz, e que classifica cada um no seu posto. Por isso mesmo é que eu me antecipo na dedicação: espero a tua chegada a Pariz com impaciencia, para que me renoves um pouco a

FIM

Um outro creado adeantou-se para ir abrir as janellas visto que ali reinavam as mais profundas trevas.

Que extraordinarias commoções nos agitaram naquelle instante!

Que pungentissimas lembranças nos acudiram!

Certamente minha tia pensava nas noites sem conto em que a filha imperára ali, como suprema dominadôra, entre os esplendores daquela vasta sala de baile; eu pensava na prodigiosa traduçâo que ella sabia fazer de todos os trechos ainda os mais difficeis e recordava-me, o coração a trasboradar de magua, do *Requiem* de Mozart...

Lá ao fundo o creado abriu uma janella...

Uma luz fraca... muito fraca de entardecer de inverno entrou tristemente, dispersando-se naquela treva profunda, qual mancha teneue de nevoeiro e demudando a escuridão numa vaga penumbra ainda mais triste visto que nos deixava ver quasi indistintamente os objectos, como num sonho povoado de recordações saudosas...

Qual não foi, porem o espanto de todos nós, quando, a seguir a uns estalidos arripiadores, la ao fim da sala, o piano da nossa querida desfunta se abriu com grande estrepito e percorridas nervosamente por invisiveis mãos, as suas têclas de marfim, como outrora impulsionadas pelos arrebatembos artisticos de minha prima, começaram vibrando os primeiros compassos do *Requiem* de Mozart!

Tão aterrorizados ficámos todos que nem pudemos fugir doidamente daquelle salão, como foi nosso primeiro intuito!

Quanto a mim, foi tão forte a commoção que experimentei que ainda hoje, passados tantos annos, tenho nos ouvidos aquellas vibrações tão tristes como inexplicaveis e sempre que penso nesta aventura os cabellos se me ericam e calafrios me invadem!

Faro 3-95.

LYSTER FRANCO.

COURELLA

Vende-se uma courella de fazenda no sitio do Brejo que consta de oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, chaparreiras e terra de semear, e um caseirão que pertencia a José Entrudo. Trata-se com José Dias, no sitio de Santa Margarida.

226

1.º ANNUNCIO

NO dia 9 do proximo mez d'abril, por 12 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na Praça da Constituição, d'esta cidade, vai á praça para ser arrematado a quem maior Ianço offerecer acima do seu valor, uma courella de fazenda evidentemente demarcada de predio maior do qual constitua a quinta parte, no sitio da Palmeira, freguesia da Luz, d'esta comarca, que consta de terra de semear de regadio, laranjeiras, albricoqueiros, parreira e outras arvores de fructo, e parte na nora, tanque e levadas com direito a 14 horas de tiragem d'água de 6 em 6 dias, avaliada em réis 100\$000.

Este predio pertence ao casal inventariado de Manuel Lourenço Pequeno, que residiu no mesmo sitio da Palmeira, e vae á praça por deliberação do respectivo conselho de familia e interessados para pagamento do passivo aprovado.

São citados quaesquer credores incertos nos termos do n.º 1 do art. 744 do Código do Processo Civil. Tavira, 15 de março de 1903.

Verificado—Azevedo.
O escrivão do 3.º officio
227 Estevão José de Sousa Reis.

ANEMIA.

Modo de derrotá-la!

A gravidade da anemia é bem conhecida, o modo de derrotá-la é bem sabido. Ainda assim, parece difícil despertar os que soffrem até ao ponto de verem a necessidade d'um esforço real! Ella deve ser combatida com a Emulsão de Scott logo que se manifeste, ou, melhor ainda, no momento em que se suspeite. A anemia é usualmente o primeiro passo que dirige rapidamente á tuberculose. A Senhora Dona Isaura Tinoco mostra na sua carta como ella curou a anemia e, assim, evitou complicações mais serias. Vale a pena ler a sua carta :



SENHORA DONA ISAURA DA CONCEIÇÃO TINOCO.

RUA DA ALEGRIA, No. 626,

PORTO, 13 de Agosto de 1903.

Padei muitíssimo d'uma anemia, que me prostrou durante bastante tempo. Estava pallida e falava-me o appetite, emfim, senti todos os symptomas d'esta doença que é o caminho da tuberculose. Tomei a Emulsão de Scott e, dentro em pouco, senti-me reviver, recuperar as forças e agora estou muitíssimo melhor.

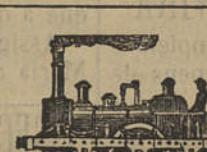
(Assinado)

ISAURA DA CONCEIÇÃO TINOCO.

Acabae d'uma vez com a anemia, usando da Emulsão de Scott, o remedio que cura a anemia, quer seja ella recente quer seja antiga, e a cura para ficar curada. Este é o grande ponto, o complemento da cura. Muitos preparados ajudam o de Scott cura.



Marca registrada.



CAMINHOS DE FERRO

ESTAÇÃO DE TAVIRA

HORARIO

Dos comboyos ascendentes e descendentes

CHEGADAS

De manhã

5 e 10 (correio) de Lisboa e Setil
8 e 55 (tram.) » Faro
10 e 55 » Portimão

De tarde

4 e 50 (tram.) de Faro
11 e 15 (mixto) » Lisboa, Setil e Portimão
6 e 30 (tram.) » Faro

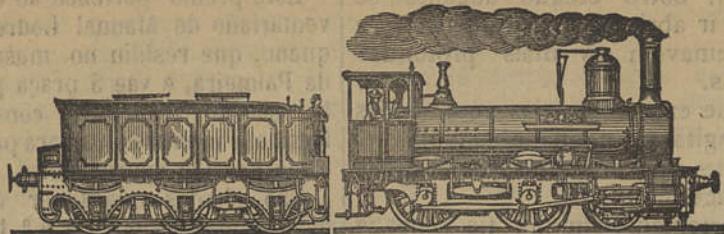
PARTIDAS

De manhã

6 e 10 (mixto) para Lisboa e Setil
9 e 20 (tram.) » Faro

De tarde

2 e 20 (tram.) para Faro e Portimão
5 e 40 (correio) » Lisboa, Setil e Portimão
6 e 30 (tram.) » Faro



AVISO AO PÚBLICO EXCURSÃO RECREATIVA DE

PORTIMÃO A TAVIRA

No dia 16 de abril de 1905

Não podendo ter lugar no dia da inauguração da estação de Tavira a excursão que está anunciada, devido à Direcção dos Caminhos de Ferro não alugar o comboio para aquela dia, foi esta transferida para o dia 16 de abril, Domingo de Ramos, podendo os srs. excursionistas assistir à procissão dos Ramos que se realiza n'esta cidade e que este anno se realiza com toda a pompa.

A partida do comboio da estação de Portimão será n'aquelle dia ás 5 horas da manhã e de Tavira, no mesmo dia ás 11 horas da noite.

As senhas para esta excursão estão á venda até ao dia 25 de março nas mesmas casas que já foram anunciadas.

PREÇOS IDA E VOLTA

Em 2.ª classe.....	1\$200
Em 3.ª classe.....	800

NOVIDADE LITERARIA

JOÃO LUCIO

O MEU ALGARVE (VERSONS)

A' VENDA

Venda de trens, cavalos e mobilia

Vendem-se alguns trens taes como: caleches, mylorde e vis-à-vis; algumas mesas de quartos, leitos de ferro, lavatorios, 1 aparador, 1 guarda-louça, 1 grande fogão de fogo central, com forno, estufa e caldeira de cobre para agua, mesa elastica, lavatorio com deposito para agua, 1 espelho de sala e uma cama de madeira completa. Quem pretender dirigir-se ao seu proprietario João António.—Tavira. (214)

Pipas avinhadas e mais accessórios d'uma adega, vende José Gonçalves Palmeira Senior & Irmão. Terreiro de Garção, Tavira. 225

Companhia de Pescarias do Cabo e Rama hete

Vendem-se vinte acções d'esta Companhia. Trata-se com José Maria dos Santos.

A PEROLA DE TAVIRA

CABA de chegar um completo e variado sortido de chapeus de chuva para homem e senhora, lindos modelos e preços sem competencia, porque a grande quantidade e a boa compra assim o faz. (196) José Viegas Mansinho.

REVISTA AGRÔNOMICA

Publicação da Sociedade de Ciências Agrônicas de Portugal. Assinatura por anno: 38000 réis, travessa dos Remolares, 130, 1º—Lisboa.

CASAS DE DETENÇÃO E CORRECÇÃO

A Biblioteca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, 107, ao largo do Caldas, acaba de editar os Regulamentos das Casas de Detenção e Correcção de Lisboa, Porto, e de Villa Fernando, seguidos de diversa legislação judicial, e fiscal, sendo o seu custo 200 r. is. (217)

Ferreiros. Vende-se uma porção no quintal da Galeria. Trata-se com Veríssimo Pereira Paulo.

Nova assignatura permanente PARA O NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA PELO DR.

CANDIDO DE FIGUEIREDO

O novo dicionario termina por um rapido mas interessante appêndice geographic, com a maioria dos nomes que andam adulterados nos livros de geographia, no ensino publico, na lingnagam commun, etc.

A obra completa, á venda na nossa livraria, consta de dois volumes, de cerca de oitocentas paginas cada um, muito bem encadernados, que custam apenas

8\$000 RÉIS

Por assignatura: Réis 600—cada tomo de 114 paginas—600 réis.

A distribuição pôde ser feita á vontade do assignante, semanal, quinzenal ou mensalmente, pois que estão publicados os 11 TOMOS de que a obra se compõe.

Assigna-se na livraria de José Maria dos Santos, Tavira.

SEGUROS CONTRA FOGO

A PREMIOS CONVIDATIVOS
e sem despesa alguma nem incomodo para os srs. segurados



Tomam se por intermedio de

JERONYMO BOBONE
para acreditadas companhias estrangeiras ou nacionaes funcionando em Lisboa

Dirigir a correspondencia para a rua das Amoreiras, 9º, em Lisboa. (217)

ANNUNCIO

Mathias Peres Rojo tem um trem para alugar. 210

IMPOSTOS

O arrendatario do imposto de farinhas e todos os cereais em Santo Estevão é o sr. José Pires Florencio, sitio da Egreja. 212

HOTEL CONTINENTAL (O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hoteis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

Grandes Armazens de Novidades

AU PRINTEMPS PARIS

O catalogo e as amostras dos tecidos de novidades para a estação de verão são enviados franco de porte a quem os pedir em cartas devidamente franqueadas.

As encomendas e os pedidos de amostras podem ser dirigidos ao agente reexpedidor d'esta casa

A. VINCENT 19, LARGO DE CAMÕES-ROCIO-LISBOA

ALVELLOS & C.^A

Casa de Cambio, Loterias e Tabacos

16, PRAÇA DE D. FRANCISCO GOMES, 17

FARO

Os proprietarios d'este estabelecimento, acham-se sempre habilitados para fornecer jogo de todas as loterias da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, assim como para receber em troca o jogo premiado de qualquer cambista de Lisboa.

A proxima loteria realizar-se-ha no dia 31 de março. 195

Officina de canteiro e escultura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria; jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) Faro



BAGA de sabugueiro para dar côn ao viuho, importada directamente da Regoa, nova colheita, 1.ª qualidade, vende

JUSTINO A. FERREIRA

128 TAVIRA

PINHEIRO & FILHO

Comissões e consignações Corretores de vinhos desde 1875

63, Rua do Miradouro

PORTO

Encarrega-se da venda, por amostras ou á consignação, de qualquer quantidade e qualidade de vinho ou aguardente. 143

FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20

TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de fantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS

GUIA PRATICO

DE ESCRIFTURAÇÃO E CONTABILIDADE

Commercial, bancaria, agricola e fabril

Pelo professor e perito commercial

Joaquim H. da Silveira Passos

Diplomado pela Escola do Commercio de Lisboa

ESTÁ em publicação semanal, em fascículos, esta importante e util obra, destinada a habilitar, sem auxilio d'outros estudos e sem mestre, a organizar, seguir ou balançar a escripturação de qualquer casa commercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercer habilmente qualquer lugar de carteira e a concorrer com a precisa habilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O guia pratico ensina a resolver cerca de mil problemas varios sobre escripturação e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Calculo

Comprende o ensino pratico das operações sobre: Numeros inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, regras de tres simples e compostas, regra da conjuncta, regras de companhia, de ligas, de avarias, percentagens, juros, descontos, prazo medio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos methodos directo, indireto e hamburgoz, cambios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papéis de credito e arbitragens.

2.º volume — Escripturação

Comprende cinco modelos completos com todos os livros principaes e auxiliares, sendo todos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo uma escripta pelo sistema de partidas singelas; 2.º Uma escripta d'uma casa commercial, contendo oito meses de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com tres balans; 3.º Uma escripta d'uma casa de comissões e consignações; 4.º Uma escripta d'uma industria explorada por uma sociedade anonymous; 5.º Uma escripta agricola.

Preço de cada fascículo em Lisboa e na província 100 réis. As assignaturas pode ser feitas por bilhete postal dirigido á empreza da publicação d'esta obra a Affonso d'Oliveira, ruas do Arsenal, 108, 1.º, ou em Tavira, nos armazens de moveis de Justino A. Ferreira, rua Nova Grande, 23 a 53. (138)

Propriedade. Vende-se uma no sitio do Fogo, d'este concelho, constando de terras de semear, vinha, alfarrabeiras, amendoeiras, figueiras, oliveiras, etc.

Quem pretender dirija-se a João Rodrigues Aragão, em Faro, rua Filipe Alistão.

Empregado economico.

Pela quantia de 25500 réis mensaes, tem o commercio, industriaes e particulares de todo o paiz, e por 55000 réis, os das Ilhas, Africa e Brazil, um empregado afiançado, para satisfazer todas as suas ordens em Lisboa. Largo do Terreiro do Trigo, 8, 1.º D.—Lisboa. (204)

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

Livraria = TAVIRA

ULTIMAMENTE:

O Genio português aos pés de Maria, O tiro de caça, Leonor Telles, Casamento de conveniencia, Positivos e negativos photographicas.

EM ASSIGNATURA:

Collecção Camillo Castello Branco, O Manual do Operario, Os ultimos escândalos de Paris.

Collecção Económica—Cada volume, UM TOSTÃO

Romances de Dandie, A. Karr, Bouvier, Malot, Ohnet, Jules Mary, Champsaur, etc.

100 RÉIS CADA VOLUME — ROMANCES BARATOS!